



EM QUÊ A TEORIA DE LUKÁCS PODERIA CONTRIBUIR COM A CIÊNCIA GEOGRÁFICA? ENSAIOS E REFLEXÕES SOBRE MÉTODO¹.

Átila de Menezes Lima ²

RESUMO

Este estudo inicial na forma de ensaio objetiva compreender e estabelecer mediações entre os aspectos teóricos gerais da obra de Lukács e sua contribuição para a apreensão geográfica e, conseqüentemente, aprofundar o debate teórico-metodológico nessa ciência. Para a realização de nossos objetivos foram feitas pesquisas bibliográficas e um estado da arte da obra de Lukács, assim como de algumas obras desenvolvidas por seus crítico-comentadores no intuito de selecionar alguns escritos que proporcionassem uma síntese das principais ideias e aspectos do autor que permitissem o diálogo com a geografia. Categorias e conceitos como trabalho, reprodução, ideologia, alienação, causalidades (dadas e postas), teleologias (pores teleológicos), casualidades, saltos ontológicos, o debate da ontologia do ser social e os aspectos histórico-sistemáticos, natureza orgânica, inorgânica e ser social, complexo de complexos, assim como sua compreensão de totalidade na dialética universal-particular-singular para a compreensão do concreto real, oferecem campo amplo de estudos e sem sombra de dúvidas trazem contribuições incomensuráveis ao debate sobre método para a ciência geográfica que é fortemente influenciada por perspectivas metodológicas mecanicistas, anti-humanistas, a-históricas e antidialéticas a exemplo das correntes positivistas, neopositivistas, estruturalistas, pós-estruturalistas, existencialistas, fenomenológico-hermenêuticas.

Palavras-chave: Teoria, Lukács, ciência geográfica, método, dialética.

¿En el que la teoría de Lukács podría contribuir con la ciencia geográfica? Ensayos y reflexiones sobre el método.

RESUMEN

Este estudio inicial en forma de ensayo tiene como reto comprender y establecer mediaciones entre los aspectos teóricos generales del trabajo de Lukács y sus contribuciones hacia la aprehensión geográfica y conseqüentemente profundizar el debate teórico-metodológico en esta ciencia. Para la realización de nuestros retos fueran hechas investigaciones bibliográficas y un estado del arte del trabajo de Lukács, como también de algunos trabajos desarrollados por sus críticos en el intento de seleccionar algunos escritos que puedan proporcionar una síntesis de las principales ideas y aspectos del autor con el fin de posibilitar el diálogo con la geografía. Algunas categorías y conceptos tales como trabajo, reproducción, ideología, alienación, causalidades (hechas y puestas), teleologías (movimiento teleológico), causalidades, saltos ontológicos, el debate de a ontología del ser social y los aspectos históricos y sistemáticos, naturaleza orgánica, inorgánica y ser social, complejo de complejos, así como su comprensión

¹ As reflexões desse artigo são frutos do Grupo de pesquisa e estudos denominado Geografia do trabalho e ontologia do ser social: a essência da relação sociedade-natureza – GTOSS vinculado aos grupos de pesquisa do CNPQ.

² Professor adjunto do Curso de Geografia da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, atilageohis@gmail.com; atila.lima@univasf.edu.br



de totalidade en la dialéctica universal-particular-singular para la comprensión del concreto real, ofrece campo amplio de estudios y sin lugar a dudas trae contribuciones inconmensurables para el debate del método en la ciencia geográfica, que es influenciada por perspectivas metodológicas mecanicistas, antihumano, a-histórico y antidialéctico como por ejemplo las corrientes positivistas, neopositivistas, estructuralistas, post – estructuralistas, existencialistas, fenomenológicas-hermenéuticas.

Palabras clave: Teoría, Lukács, ciencia geográfica, método, dialéctica.

INTRODUÇÃO

O filósofo húngaro György Lukács (1885-1971) foi sem sombra de dúvidas um dos maiores pensadores e intelectuais marxistas do século XX. Sua vasta obra, desde os escritos literários, estéticos, passando os de cunho político-revolucionário até as de perspectiva teórico-filosóficas, além de influenciar gerações de não-marxistas, marxistas e dos denominados pós-marxistas, demonstra também a transição filosófico-prática na vida do autor. Todavia, assim como Frederico (2013) e Mészáros (2013) assinalam, é necessário observar que não se trata de uma ruptura entre um Lukács jovem e um maduro, visto que sua obra pós-idealista carrega consigo “a mesma estrutura de pensamento, embora ele tenha genuinamente deixado para trás seus posicionamentos originais” (MÉSZÁROS, 2013. p.33).

Deste modo, temos os escritos como “A forma do drama” (1906), “A alma e as formas” (1911), “A teoria do romance” (1916), obras com fortes influências de um idealismo subjetivista kantiano em transição para o idealismo objetivo de Hegel, passando por escritos como “Tática e ética” (1919) e “História e consciência de classe” (1923), obras de cunho marxista, mas com fortes influências idealistas hegelianas; “Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento” (1924; 2012) e “Moses Hess e o problema da dialética idealista” (1926), obras que segundo Netto (2013) e Vedda (2012) marcam a transição para uma virada ao materialismo histórico e dialético, ao realismo ontológico culminando em obras como “A destruição da razão” (1953), “A estética” (1963), “Introdução a uma estética marxista” (1978) e “Para uma ontologia do ser social” que segundo Netto (2012) foi concluída por volta de 1968 e com primeira publicação em húngaro em 1976.

No campo do marxismo, em específico, a estética e a ontologia são a grande contribuição no plano teórico-filosófico ao renascimento do marxismo por parte de Lukács. Além do marxismo, a diversidade de sua obra influenciou vários campos do



conhecimento como na literatura e crítica literária, arquitetura, teatro, nas artes e reflexões estéticas em sua amplitude, na filosofia, na história, na sociologia, nas ciências sociais e mesmo na geografia.

Nessa última, as reflexões de Marx, Lukács e diversos marxistas foram incorporadas, em grande parte, a partir de um viés estruturalista-economicista muito presente na geografia ou mesmo leituras de um Marx terceirizado. Tais leituras separam gnosiologicamente as legalidades econômicas dos fatos históricos, os elementos econômicos dos extraeconômicos, tornando-se assim uma compreensão não dialética da realidade com influências da economia política clássica, de uma ciência particular que nega a totalidade. Mas sob uma perspectiva ontológica Lukács assinala que

A ontologia marxiana do ser social funda-se nessa unidade materialista-dialética (contraditória) de lei e fato (incluídas naturalmente as relações e conexões). A lei só se realiza no fato; o fato recebe determinação e especificidade concreta do tipo de lei que se afirma na intersecção das interações. Se não se compreendem tais entrelaçamentos, nos quais a produção e a reprodução sociais reais da vida humana constituem sempre o momento predominante, não se compreende nem sequer a economia em Marx (LUKÁCS, 201, p.338).

E complementa:

Como conclusão das análises feitas até aqui, seja dito mais uma vez brevemente que a tão popular antítese entre violência e economia é igualmente metafísica, não dialética. A violência pode também ser uma categoria imanentemente econômica. Por exemplo, ao tratar da renda trabalho, Marx aponta para o fato de que sua essência, o mais-valor, só pode ser arrancado [...] mediante a coerção extraeconômica (LUKÁCS, 2013, p.338).

As citações tornam-se de extrema importância para desmistificar os discursos e narrativas que assinalam que a discussão marxista se prende única e exclusivamente a dimensão econômica, o que é um grande equívoco.

Assinalamos, ainda, que na ciência geográfica e em outros campos epistemológico-gnosiológicos é bem comum a leitura de um Marx em retalhos, cheio de cortes epistemológicos e narrativas subjetivistas que chegam a reproduzir um “Marx kantiano,” leituras de um Marx pelo viés de Hegel, tudo legitimado pelas “mágicas epistemológicas”.

De Lukács, os estudos desenvolvidos na geografia foram pautados, sobretudo, no debate da ontologia do trabalho. Para Lukács (2013), o trabalho assume o papel tanto de pôr teleológico como modelo da práxis social, sendo esse, conforme o autor (p.64), a



forma originária da práxis. A perspectiva do trabalho é dessa forma essencial para a geografia, visto ser a atividade de mediação fundante-primeira na relação sociedade-natureza e, portanto, na produção do espaço geográfico. No entanto, as reflexões na geografia, que tem como objeto o espaço geográfico ou a organização espacial da sociedade, têm como predominância analítica, conforme Lima (2015), a técnica como viés de explicação do mesmo. Existe certa subjugação do trabalho, uma inversão que tem como resultado a fetichização da técnica e mesmo do espaço. Por influências da fenomenologia, do existencialismo e do relativismo, temos a criação da ontologia do espaço, fortemente defendida na ciência geográfica. Temos, assim, o embate da ontologia do trabalho x a ontologia do espaço. Esse é um embate amplo no campo epistemológico e na teoria do conhecimento na geografia, mas que seria facilmente resolvido se adotássemos um caráter ontológico materialista da história no intuito de desfetichizar a leitura do espaço. E nisso, a ontologia materialista, o realismo crítico desenvolvido por Lukács baseado na obra de Marx, tendo como centralidade a compreensão do trabalho (categoria e conceito historicamente datado) podem contribuir bastante.

Para além do debate sobre a categoria trabalho que já é em si uma grande contribuição, em quê mais a teoria de Lukács pode contribuir para a ciência geográfica? Assinalamos que além da categoria trabalho, a obra de Lukács pode contribuir com vários estudos que complementam as questões geográficas. A perspectiva da ontologia inorgânica da natureza, da ontologia orgânica e do ser social, sua concepção materialista da natureza, a relação teleologias, causalidades e casualidades, dos saltos ontológicos, assim como a compreensão do complexo de complexos nos trazem possibilidades de superação da separação realizada por cortes epistemológicos entre geografia física e humana e da adoção de método e metodologias não mecanicistas. Além disso, o debate das teleologias e causalidades nos permite a superação irracionalista de dotar a natureza de pores teleológicos como se a mesma racionaliza-se, planeja-se seus atos para intervir. Essas são questões que estão dadas desde Kant a teóricos atuais como Morin, bastante utilizados pela geografia. Esse debate em si dá panos para outro estudo o que não é objetivo do presente escrito.

O estudo da categoria da particularidade em sua dialética com o universal e o singular permite-nos ultrapassar tanto as reflexões generalistas-abstratas, assim como o hiper-singularismo empirista que permeiam a geografia. O debate das categorias da



reprodução social, da ideologia e do estranhamento-alienação em suas relações com o trabalho são fundantes para a compreensão do cotidiano, categoria também debatida por Lukács e são essenciais para a apreensão da produção-reprodução do espaço geográfico, para a superação da geografia das estruturas e presa ao viés da circulação como se essa fosse dissociada da produção. Marx (2011) ao debater sobre o método da economia política, assinala que:

A articulação da distribuição está totalmente determinada pela articulação da produção. A própria distribuição é um produto da produção, não só no que concerne ao seu objeto, já que somente os resultados da produção podem ser distribuídos, mas também no que concerne à forma, já que o modo determinado de participação na produção determina as formas particulares da distribuição, a forma de participação na distribuição. É absolutamente uma ilusão pôr a terra na produção, a renda da terra na distribuição etc. (MARX, 2011, p.50).

Estudos que não levem em consideração essa dialética tendem a fazer leituras aparentes da realidade, fato que se expressa em analíticas que estudam o real somente pelo consumo, somente pela distribuição e circulação, todos dissociados da produção, tendo a geografia fortes traços dessas perspectivas interpretativas. É importante atentar como assevera Marx (2011) que:

Mas antes de ser distribuição de produtos a distribuição é: 1) distribuição dos instrumentos de produção e 2) distribuição dos membros da sociedade nos diferentes tipos de produção, o que constitui uma determinada ulterior da mesma relação. (Subsunção dos indivíduos sob relações de produção determinadas.) A distribuição de produtos é manifestamente apenas o resultado dessa distribuição que está incluída no próprio processo de produção e determina a articulação da produção (MARX, 2013, p.51).

Finalizando sobre as contribuições da teoria de Lukács para a geografia, assinalamos que sua perspectiva ontogenética e histórico-sistemática sobre a obra de Marx podem contribuir de forma incomensurável para questões de método na geografia.

Nesse sentido, esse estudo ensaístico objetiva compreender e estabelecer mediações entre os aspectos teóricos gerais da obra de Lukács para a apreensão geográfica e, conseqüentemente, aprofundar o debate teórico-metodológico dessa ciência. Estudar a obra desse autor é fundamental e justifica a necessidade de pesquisas que possam proporcionar contribuições para a geografia no intuito de superação do legado gnosiológico kantiano nessa ciência, e de um aprofundamento da contribuição da perspectiva marxista, do materialismo histórico e do movimento dialético da realidade.



METODOLOGIA

Para a realização de nossos objetivos foi feito um estado da arte e pesquisas bibliográficas da obra de Lukács, assim como de alguns de seus crítico-comentadores no intuito de selecionar alguns escritos que proporcionassem uma síntese das principais ideias e aspectos do autor que permitissem o diálogo com a geografia. Focamos os estudos nas obras últimas, destacando as reflexões em “Para uma ontologia do ser social” volumes I e II, os prolegômenos para uma ontologia do ser social, “Conversando com Lukács” (1969) e “Introdução à estética marxista”. Mas isso não nos impediu de dialogar com obras anteriores. De seus comentadores assinalamos para os livros: “O conceito de dialética em Lukács de Mészáros” (2013), “O estruturalismo e a miséria da razão de Coutinho” (2010); “A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács de Frederico” (2013). Também foram lidos os artigos O “Moses Hess...” de Lukács de Netto (2013), “A ontologia em Heidegger e em Lukács: fenomenologia e dialética de Tertulian” (2013), contidos no livro “György Lukács e a emancipação humana”, de organização de Marcos Del Roio (2013).

Das leituras, foi feita uma síntese teórica do autor evidenciando seu debate sobre a dialética, sobre a ontologia e seu sistema categorial trabalho-reprodução-ideologia-estranhamento (alienação). Além disso, assinalamos para a importância de sua compreensão sistemático-histórico da obra de Marx, sua compreensão de totalidade na dialética universal-particular-singular para a compreensão do concreto real, o complexo de complexos, a natureza inorgânica, orgânica e as relações entre teleologias, causalidades e casualidades.

Por fim, buscamos agregar essas bases teóricas para leituras que contribuam para reflexões de método e para pesquisas na ciência geográfica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Estabelecer reflexões e conexões teóricas entre a obra de Lukács e a ciência geográfica é tarefa prazerosa, mas, exige bastante rigor teórico-metodológico. Sua obra abre possibilidades diversas de temáticas e contribuições para estudos na geografia, sobretudo, no que concerne ao debate do método.



Assinalamos que por mais que a geografia brasileira e mesmo em outros países tenham passado por muitas transformações teórico-metodológicas, sobretudo, a partir do movimento de renovação crítica iniciado na década de 1970, isso não significa que a predominância de compreensão, investigação da realidade seja pautada em um método e metodologias críticas radicais de transformação da realidade.

Apesar da incorporação da dialética (nem sempre a de cunho marxista) e mesmo da adesão de algumas leituras de Marx e de trabalhos críticos nessa ciência, não significa que a dialética de viés marxista tenha predomínio para a compreensão da realidade na ciência geográfica. Pelo contrário, o que temos é a predominância de perspectivas de métodos mecanicistas, anti-humanistas, a-históricos e antidialéticas a exemplo das correntes positivistas, neopositivistas, estruturalistas, pós-estruturalistas, existencialistas, fenomenológico-hermenêuticas que contribuem para a morte da história em movimento e das mediações concretas que estão contidas na totalidade do concreto real em suas múltiplas determinações.

O intuito aqui não é homogeneizar ou mesmo igualar essas diferentes formas de expressão prático-filosóficas, mas sim como assinala Lima (2020):

O objetivo dessas reflexões são a de elucidar que quando analisarmos profundamente estas diferentes formas de consciência, percebemos que a essência destas manifestações filosóficas em última instância tende a ocultar a razão dialética, as contradições, a história, as mediações e processos reais, que são substituídas pela manipulação intelectual abstrata da realidade e da práxis, como nos revela Coutinho (2010) ao debater o estruturalismo e a miséria da razão. Neste sentido, as funções sociais destas formas de consciência, na práxis, contribuem para procedimentos de análise do real de forma fetichizada e para uma práxis irracionalista, imediatista, colaborando para a manutenção da sociabilidade do capital, que quando entendida somente na aparência, parece ser a melhor de todas as sociabilidades. Pensemos na mercadoria, que em sua aparência esconde as múltiplas determinações da sociabilidade do capital. Segundo Lukács (2012, p.306), estas só podem ser apreendidas através da compreensão da análise crítico-ontológica da dialética dos procedimentos histórico-genéticos e abstrativo-sistematizantes (LIMA, 2020, p. 368).

É nessa perspectiva, que numa espécie de acerto de contas e autocrítica radical com sua construção teórica, que Lukács em seu livro I (um) de “Para uma ontologia do ser social” estabelece profundas críticas e apresenta os limites de compreensão da realidade tanto do neopositivismo, do existencialismo e do idealismo e propõe “Os princípios ontológicos fundamentais em Marx”. Nessa obra em específico, mas também no volume II, Lukács estabelece críticas radicais a vertentes e métodos que ao nosso



interpretar são comuns na ciência geográfica como o neopositivismo, neokantismo, fenomenologia, existencialismo, estruturalismo e seus representantes principais.

Para Lukács, além dessas diferentes correntes possuírem questões comuns em suas essências como a morte das mediações concretas, da dialética e de seu caráter a-histórico e mesmo anti-humanista como o estruturalismo ressaltado por Coutinho (2010), as mesmas tenderam a eliminar questões de caráter ontológicos, da coisa em si do ser, por representações subjetivas do ser em si. Essa é uma herança do idealismo subjetivista kantiano que influenciou na prática todas as ciências. Lukács (1969) em entrevista com Kofler assinalou que:

(...) para Kant, na realidade que para nós é propriamente real, desaparece a distinção entre fenômeno e essência, porque, segundo a teoria kantiana, o mundo que nos é dado é apenas fenômeno, ao lado de uma coisa em si transcendente e incognoscível (...) (LUKÁCS, 1969, p.73).

Ainda segundo Lukács (2012)

Este (Kant) contestara a chamada prova ontológica de um ponto de vista lógico-gnosiológico, cortando qualquer vinculação necessária entre representação e realidade, negando de modo absoluto todo caráter ontologicamente relevante do conteúdo (LUKÁCS, 2012, p.284).

Acrescentando, Chasin (1987), ao tratar dessa temática em Kant, afirma que para esse pensador “[...] é a subjetividade que organiza a objetividade do mundo”. Ora, essas questões são de suma importância para a reflexão na geografia, visto que influenciaram diretamente na concepção de natureza (tanto como ordenamento de fenômenos e depois com a noção de uma natureza com teleologias sob forte influência do irracionalismo alemão), na concepção *a priori* e *a posteriori* do espaço e de sua organização espacial e mesmo na separação gnosiológica espaço-tempo pelo intelecto humano, perdendo assim a relação dialética desses. É preciso ter clareza que a natureza ter determinada autonomia e objetividade mediante a razão, não significa dizer que a mesma possui atos teleológicos e prévia-ideação. Essa forma fetichizada de compreensão da realidade pelo viés lógico kantiano ainda é muito forte na geografia e a negação da dimensão dos problemas de caráter ontológicos são substituídos por escolhas apriorísticas e subjetivas da realidade e seus objetos de estudos. A exemplo, vários são os estudos que fazem uma narrativa do neoliberalismo dissociados do capitalismo, além de estudos sobre o agronegócio que enfocam as variáveis do papel dessa atividade na urbanização e



economia urbana e ocultam a luta de classes, a violência e conflitos no campo, a renda da terra, o uso dos agrotóxicos, as commodities etc. Aqui é nítida a morte de questões ontológicas e de uma visão de método da totalidade, por perspectivas neokantianas, neopositivistas e estruturalistas que negam a realidade concreta em suas múltiplas determinações e as substituem por apriorismos subjetivistas gnosiológicos.

Ainda no tocante a eliminação dos problemas ontológicos, numa espécie de colocar a realidade “entre parênteses”, Lukács (2013) assinala que:

As ciências examinaram predominantemente apenas os processos concretos em sua imediatidade (...) Em contraposição, as teorias científicas (metodologias, gnosiologias etc.), por sua vez – não por último também sob a pressão da ontologia da vida cotidiana – partem justamente dessa constelação, considerando-a como fato irrevogável de toda existência, perante a qual só é permitida uma problematização kantiana, gnosiológica: como ela é possível? (...) as gnosiologias em geral se defrontam de modo totalmente acrítico com a constituição verdadeiramente ontológica das estruturas de objetos, as quais alegam tomar como ponto de partida. Poderíamos acrescentar: tanto mais quanto mais “modernas” elas são. Com efeito, faz parte da essência do seu método – para permanecer no plano “puramente científico” – descartar cada vez mais resolutamente e tanto quanto possível a verdadeira questão do ser. Assim procedem os neokantianos em comparação com o próprio Kant, assim agiu o neopositivismo em seus primórdios resolutos (LUKÁCS, 2013, p.674).

Voltando a crítica de Lukács às perspectivas antidialéticas, no que tange ao método da fenomenologia, Lukács em seu diálogo com Scheler assinalou que:

Quando Scheler me visitou em Heidelberg, na época da Primeira Guerra Mundial, tivemos sobre o tema uma conversa interessante e característica. Scheler sustentou a posição de que a fenomenologia seria um método universal, que poderia ter tudo como objeto intencional. “Pode-se, por exemplo”, explicou Scheler, “promover investigações fenomenológicas sobre o Diabo; para isso só se precisa primeiramente colocar a questão da existência do Diabo entre parênteses.” “É claro”, respondi, e quando o senhor tiver terminado de compor a imagem fenomenológica referente ao Diabo, o senhor abrirá os parênteses – e o Diabo em pessoa estará parado diante de nós.” Scheler riu, deu de ombros e nada respondeu (LUKÁCS, 2012, p.82).

Percebemos, assim, a negação da objetividade por uma manipulação do real pelo intelecto humano como bem enfatiza Coutinho (2010). Alguns problemas das teorias das vivências, das percepções e sentidos ficam evidenciados. É importante ressaltar ainda que em uma sociedade onde até nossos sentidos e gostos são reificados pela lógica do capital, nossas experiências vividas, nossas percepções fenomênicas dizem muito pouco sobre a totalidade que está contida na verdade. Quando tomamos como



verdade o discurso aparente e as manipulações da realidade fragmentada, sem uma investigação do todo, incorremos no risco de falsearmos a realidade, de sermos autoritários na conclusão e injustos com a verdade. Por isso é necessário à compreensão do concreto real em suas múltiplas determinações datadas historicamente. Isso infelizmente não é possível de apreensão pela perspectiva fenomenológica e hermenêutica em seus diversos autores, assim como nas perspectivas estruturalistas etc. Pelo contrário, a eliminação de questões ontológicas fundantes foi substituída pelo proceder de “colocar entre parênteses” a realidade. Sobre isso a citação de Lukács (2013) elucida de forma incrível tais posturas:

(...) Husserl, por exemplo, estipulou o “colocar entre parênteses” da realidade como condição metodológica para a intuição da essência [Wesenschau]. Os seus sucessores, começando por Scheler e mais decididamente Heidegger, descobriram justamente aqui o ponto de partida para uma nova teoria idealista do ser. Ora, assim que a realidade é colocada entre parênteses, desaparecem justamente a complexidade, o processo, a interação etc. de todo grupo fenomênico, e até o próprio procedimento significa essencialmente uma reificação que isola o próprio fenômeno. É por isso que o “colocar entre parêntese” se tornou um método gnosiológico tão popular e moderno: não só para transformar o não existente em existente, mas também para, dependendo das circunstâncias – como ocorre diariamente tanto no existencialismo como no estruturalismo –, fazer do não existente um existente próprio e essencial (LUKÁCS, 2013, p.675).

Essa manipulação gnosiológica, epistemológica do ser é tamanha que pode tirá-lo do mundo junto com as questões ontológicas fundamentais. Isto se tornou a razão de ser de boa parte do fazer ciência e a geografia não foge a essa regra. São diversos casos onde a realidade é “retirada da realidade” para a elaboração de pesquisas que transformam aquela em um modelo apriorístico a ser seguido.

Outra crítica ferrenha é feita por Lukács a Wittgenstein e a Heidegger. Conforme Lukács (2012), encontramos estreita ligação de Wittgenstein com o existencialismo, tanto no seu logicismo, como na morte da história e das mediações concretas. Segundo Lukács (2012), o logicismo de Wittgenstein é bem influente na obra “Ser e Tempo”, de Heidegger, que compreende o real pela experiência subjetiva do ser como se o fenômeno por si fosse a própria essência da realidade. Lukács (2012) tece críticas para Wittgenstein e Heidegger no sentido da negação da gênese histórica dos processos, na eternização da mesma que é transformada em atemporal nos dois. Segundo Lima (2020):



Isto é extremamente prejudicial, pois ocultam as contradições e mediações que evidenciam a essência dos fenômenos em sua processualidade, mascarando a coisa em si, historicamente datada. Um exemplo é que ao estudarmos o modo de produção capitalista sem considerar sua gênese ontológica, corremos o risco de encobrir séculos de exploração, mortes, espoliação e validar a tese capitalista de que a relação capital-trabalho é de fato equivalente e justa (LIMA, 2020, p.367).

Objetivando sobre a intrínseca relação existencialismo e neopositivismo, Lukács ressalta que:

(...) A ontologia de Heidegger³ aparece, assim, em duplo sentido, como complementação orgânica do neopositivismo. Por um lado, como logo veremos, sua ontologia exclusivamente orientada no ser humano em sociedade de modo algum é uma ontologia do real, abrangente e multifacetada do ser social, mas um lançar ao plano ontológico de condição universalmente manipulada da sociedade na era do capitalismo altamente desenvolvido. O alvo do conhecimento, ontologicamente posto por Heidegger, corresponde, portanto, exatamente ao ideal almejado por Carnap com o enquadramento do social numa ciência neopositivista unitária, o que Wittgenstein, na passagem aqui citada, descreve como a condição em que “todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta”. Por outro lado, Heidegger faz a tentativa de preencher com conteúdo, articular filosófica, ontologicamente, o silêncio de Wittgenstein, em que se expressa a rejeição neopositivista de nossos problemas vitais (ou sua incapacidade de solucioná-los). Por isso, a filosofia de Heidegger não constitui uma antítese exata ao neopositivismo, sendo apenas a complementação deste: ambos pisam o mesmo chão, examinaram os problemas da sua época da mesma maneira, não vislumbrando neles autênticas questões histórico-sociais, mas fundamentos imutáveis de um pensamento científico, ou então fenomenológico; com a diferença de que, onde Carnap se detém satisfeito consigo mesmo, Heidegger manifesta um desconforto wittgensteiniano. Pode-se dizer, portanto, numa generalização ampla: com a descrição da manipulação geral do pensamento e da vida Carnap manifesta sua aprovação revestida de neutralidade em relação a essa condição. Heidegger igualmente encara a mesma realidade social da vida entranhada como “*condition humaine*” absoluta e imutável dada, mas examina essa condição ontologicamente imutável com um olhar pessimista-irracionalista e tenta pôr ontologicamente à mostra a perspectiva de uma saída religiosa (religiosa ateuista) para cada indivíduo, uma saída que deixe os fundamentos intactos (LUKÁCS, 2012, p.84).

Fechando essa dimensão crítica às perspectivas do método, é válido assinalar que hoje na geografia brasileira temos ascensão das chamadas teorias pós-coloniais, decoloniais, descoloniais (em toda a sua diversidade de pensadores e linhas de pensamento) que infelizmente já nascem em sua essência com muitos problemas, visto

³ Para compreensão das diferenças entre a ontologia de Lukács e de Heidegger ver: NICOLAS, Tertulian. A ontologia em Heidegger e em Lukács: fenomenologia e dialética. In: **György Lukács e a emancipação humana**. Organização Marcos Del Roio. 1ª edição. - São Paulo: Boitempo, 2013.



que suas bases epistemológicas fundantes, em grande parte, são o estruturalismo, o neopositivismo, a fenomenologia, a hermenêutica e em algumas interpretações enviesadas de Marx (tanto numa perspectiva kantiana, hegeliana e estruturalista). Poderíamos aqui tecer uma série de críticas sobre as problemáticas e influências do estruturalismo, sobretudo, de linhagem foucaultiana na geografia, assim como do pós-estruturalismo, mas optaremos por fazer isso em outro escrito sobre a relação da geografia com o irracionalismo.

Propondo “Os princípios ontológicos fundamentais em Marx”, Lukács (2012) traz grande contribuição para a compreensão do método em Marx. Superando as leituras dualistas de um Marx pelo viés da lógica, das abstrações sistematizantes, das leis gerais de um lado, onde a história apareceria somente em alguns capítulos e ou mesmo como um auxílio de pesquisa de leitura a partir de terceiros, e ao mesmo tempo superando a leitura de um Marx de um historicismo linear baseado no sistema hegeliano da história, economicista que separa as relações econômicas das extra-econômicas, Lukács (2012) assinala que:

É claro, portanto, que o método da economia política, que Marx designa como uma “viagem de retorno”, pressupõe uma cooperação permanente entre o procedimento histórico (genético) e o procedimento abstrativo-sistematizante, os quais evidenciam as leis e as tendências. A inter-relação orgânica, e por isso fecunda, dessas duas vias do conhecimento, todavia, só é possível sobre a base de uma crítica ontológica permanente de todos os passos dados, já que ambos os métodos têm como finalidade compreender, de ângulos diversos, os mesmo complexos da realidade. A elaboração puramente ideal, por conseguinte, pode facilmente cindir o que forma um todo no plano do ser, e atribuir às suas partes uma falsa autonomia, não importando se isso sucede em termos empírico-historicistas ou em termos abstrativo-teóricos. Tão só uma ininterrupta e vigilante crítica ontológica de tudo o que é reconhecido como fato ou conexão, como processo ou lei, é que pode reconstituir no pensamento a verdadeira inteligibilidade dos fenômenos. A economia política burguesa sempre padeceu do dualismo produzido pela rígida separação desses dois procedimentos. Em um polo, surge uma história econômica puramente empírica, na qual desaparece a conexão verdadeiramente histórica do processo global; no outro polo – da teoria da utilidade marginal até as pesquisas manipulatórias singulares de hoje -, surge uma ciência que, de modo pseudoteórico, faz desaparecer as conexões autênticas e decisivas, mesmo que, em casos singulares, casualmente possam estar presentes relações reais ou seus vestígios (LUKÁCS, 2012, p.306).

A citação em si é de um esclarecimento que desmistifica essas leituras aparentes de Marx que influenciaram vários campos científicos e autores. Mas a citação posterior, na prática, desenha para os que não querem compreender:



Essa permanente crítica e autocrítica ontológica, que encontramos na doutrina do ser social, empresta ao experimento ideal abstrativo no campo da pura economia um caráter peculiar, epistemologicamente novo: a abstração, por um lado, jamais é parcial, ou seja, jamais é isolada por abstração uma parte, um “elemento”, mas é todo o setor da economia que se apresenta numa projeção abstrata, projeção na qual, dada a provisória exclusão ideal de determinadas conexões categoriais mais amplas, pode as dar a explicitação plena e sem interferência das categorias que são assim postas no centro, as quais exibem sob forma pura as suas legalidades internas. Todavia, por outro lado, a abstração do experimento ideal permanece em constante contato com a totalidade do ser social, inclusive com as relações, tendências etc. que não entram na esfera da economia. Esse método dialético peculiar, paradoxal, raramente compreendido, baseia-se na já referida convicção de Marx de que, no ser social, o econômico e o extraeconômico convertem-se continuamente um no outro, estão numa irrevogável relação recíproca, da qual porém não deriva, como mostramos, nem um desenvolvimento histórico singular sem leis, nem uma dominação mecânica “por lei” do econômico abstrato e puro, mas da qual deriva, ao contrário, aquela orgânica unidade do ser social, na qual cabe às leis rígidas da economia precisamente e apenas o papel de momento predominante (LUKÁCS, 2012, p.310).

A nitidez de esclarecimento é tão grande que continuar defendendo determinadas concepções subjetivistas de Marx sem se quer ler esse autor chega a ser desonestidade intelectual. A base dessa contribuição histórico (genética) e abstrato-sistemizante da ontologia de Lukács para debate do método, deixam bem claro que tanto as categorias, como os conceitos e leis estão na história, não estão fora dela e essas são questões que já estão contidas em Marx. Até mesmo a lei do valor amplamente debatida por Marx tem caráter histórico como assinala Lukács (2012, p.359). É importante assinalar que legalidades e historicidade não são coisas opostas.

De forma alguma a história em Marx é um sistema linear como em Hegel e tão pouco pode ser entendida como uma filosofia da história. Segundo Lukács (2012, p.371) “O protesto de Marx contra a generalização de seu método histórico, no sentido de transformá-lo numa filosofia da história, está relacionado duplamente com sua crítica juvenil a Hegel”. De acordo Lukács (2012), em Hegel, temos uma história despojada da forma histórica ou um acontecer histórico despojado de sua forma histórica. Ainda conforme esse autor (p.373), isso ocorre porque em Hegel a história e a realidade se apresentavam apenas como a realização da lógica. É interessante ressaltar que essa concepção influenciou muitos marxistas e campos de conhecimento dos quais a própria geografia. Trazendo a questão para a metodológica entre “histórico ou lógico”, Lukács assinala que:

Na Introdução ao “Rascunho”, de Marx toma como ponto de partida, antes de tudo, que o lugar histórico de categorias singulares só pode ser compreendido



em sua concretização histórica, na especificidade histórica que lhes é fornecida pela respectiva formação, e não por meio de sua caracterização lógica, por serem definidas, por exemplo, como simples ou desenvolvidas. (...) (LUKÁCS, 2012, p.373).

Até mesmo a universalidade histórica, fruto das condições objetivas do desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo, é uma categoria de caráter histórico, defendida por Marx (2011) e Lukács (2012; 2013). Essas questões são fundamentais para a superação do caráter gnosiológico e da teoria do conhecimento bem presentes nos estudos geográficos que optam por reflexões lógicas da realidade e do pensamento de Marx em detrimento de uma leitura histórico-ontológica do real. Isso incorre talvez pelo próprio abandono da geografia dos problemas ontológicos fundamentais, pelo deixar o debate da categoria do trabalho em segundo plano e mesmo pelo domínio de leituras gnosiológicas da autonomia total do valor e do fim da centralidade do trabalho na atualidade. Nesse sentido, assinalamos que o debate do trabalho é fundante, tanto na sua dimensão categorial na relação primeira de humanização da humanidade, assim como em sua forma histórica conceitual e alienada na sociabilidade do capital.

Ampliando as reflexões, a contribuição sobre o trabalho como mediação na relação sociedade-natureza, sociedade-espaco sem sombra de dúvidas é uma grande perspectiva para compreensão geográfica. Em Lukács (2012; 2013), a categoria trabalho além de atividade mediadora primeira na criação de atos ou pores teleológicos é também modelo da práxis social, a forma original da práxis (LUKÁCS, 2013, p. 64). Segundo Lukács (2013, p.83) (...) “Nesse sentido originário e mais restrito, o trabalho é um processo entre atividade humana e natureza: seus atos estão orientados para a transformação de objetos naturais em valores de uso”. Como atividade essencial na relação sociedade-natureza, a partir dos pores teleológicos mediante a natureza que é regida por causalidades, o trabalho, segundo Lukács (2013, p.47) é responsável pela criação de uma nova objetividade, qual seja: o ser social. A complexidade das interações entre teleologias, causalidades e casualidades como elementos fundamentais da práxis são essências para a compreensão da transformação da natureza e dos saltos ontológicos da natureza inorgânica para a natureza orgânica e dessa para o ser social.



Ontologicamente somos seres da natureza que nos transformamos em seres sociais mediante o salto ontológico proporcionado pela categoria trabalho, entendido como atividade mediadora e transformadora do meio. Mas em última instância, como assinala Lukács (2013), existe uma hierarquia ontológica onde o ser social necessita da natureza inorgânica e orgânica para existir. Nesse sentido, a práxis operativa advinda do trabalho que cria o ato teleológico, a prévia ideação e planejamento antecedido em nossa cognição para intervir no ambiente, proporciona um afastamento das chamadas “barreiras naturais”, mas isso de forma alguma cria uma autonomia absoluta em relação à natureza. Essa é uma das problemáticas das ciências burguesas e da teoria do conhecimento que gnosiologicamente separam a natureza e os humanos em um plano de abstrações irrazoáveis.

Também é necessário que compreendamos o papel dialético entre pôr teleológico e causalidade. A natureza em si não possui teleologia, ela age por causalidades dadas e inerentes e por causalidade postas pelos pores teleológicos dos seres humanos em suas complexas relações de produção e reprodução social, mediados por categorias como ideologia e alienação que são fundantes para a compreensão do mundo atual, mas que infelizmente são colocadas entre “parênteses”, deixadas de lado para uma complexa compreensão da realidade.

Essas discussões junto com o entendimento da relação natureza e sociedade como complexo de complexos Lukács (1968; 2012; 2013) são fundamentais para a apreensão geográfica, sobretudo pela compreensão da natureza numa perspectiva materialista superando as interpretações românticas e idealistas. Da mesma forma, sua ontologia materialista da história e sua compreensão dialética nos permitem dialogar com reflexões geográficas que superem as interpretações positivistas e neopositivistas dos geosistemas para a compreensão da dinâmica ambiental e mesmo de concepções estruturalistas e fetichizadas do espaço geográfico que criam uma geografia das estruturas que, como assinala Lima (2015), oculta os sujeitos sociais concretos mediante a sobreposição da técnica em detrimento do trabalho como categoria de compreensão da geografia. Tais reflexões estão evidentes em Lima (2015) e, portanto, não iremos nos aprofundar aqui mediante os objetivos da escrita.

Em seus escritos estéticos e na ontologia também podemos apreender reflexões importantes para a geografia, sobretudo, o da categoria da particularidade (Lukács, 1978; 2013). Em Lukács, o particular se apresenta como a concretização da mediação



dialética entre o universal e o singular. O entendimento dessa dialética universal-particular-singular permite-nos compreender a totalidade em movimento e superarmos visões generalistas-abstratas e singularistas-empiristas que caem em extremos. Sobre o movimento dialético dessas categorias Lukács (1978) assinala que:

[...] em determinadas situações concretas êles se convertem um no outro, em determinadas situações concretas o universal se especifica, em determinada relação êle se torna particular, mas pode também ocorrer que o universal se dilate e anule a particularidade, ou que um anterior particular se desenvolva até a universalidade ou vice-versa. [...] (LUKÁCS, 1978, p.92).

E continua o autor:

É preciso ter sempre claro que tanto a universalidade como a singularidade são categorias ontológicas dos próprios objetos e processos, que tanto a universalização como a singularização constituem, em primeira linha, processos reais cujos resultados são mimeticamente reproduzidos nas formações ideais correspondentes. Mas seria leviano tirar da constelação ontologicamente existente nesse ponto, a saber, que a essência é um predomínio da universalidade, enquanto ao fenômeno acresce um movimento na direção do singular e particular, a conclusão de que, nessa relação, estaria expressa de modo unívoco a verdadeira relação da essência com seu fenômeno. Antes de tudo: a universalidade e a singularidade também são determinações de reflexões, isto é, elas entram em cena de modo simultâneo e polarizado em cada constelação: todo e qualquer objeto sempre é simultaneamente um universal e um particular. Por essa razão, embora o mundo fenomênico – posto em relação com a essência enquanto universalidade permanente – represente um mundo da singularidade movimentada, ele igualmente deve produzir ontologicamente as suas próprias universalidades, assim como as universalidades da essência reiteradamente se revelam também como singularidades. (...). (LUKÁCS, 2013, p.391).

Mediante a categoria do particular, podemos avançar em questões geográficas como o debate da escala, assim como no melhor entendimento das relações entre o geral e o regional, entre o abstrato e empírico na ciência geográfica. O próprio debate do desenvolvimento desigual e combinado e geográfico desigual estão contidos nessa dialética da totalidade e nos permite entender o concreto real da materialização da sociabilidade do capital em determinadas formações socio-espaciais. Tal proceder é fundamental para a compreensão da particularidade da materialização do capitalismo no Brasil, ainda marcado por leituras gerais e abstratas ou por leituras singulares-empiristas que negam a totalidade do modo de produção.



Por fim, a crítica metodológica de Lukács às correntes de cunho idealistas, fenomenológicas, assim como ao neopositivismo e o estruturalismo, que Coutinho (2011) denomina a miséria da razão e a busca do humanismo e da razão dialética é fundamental para os estudos na geografia a fim de contrapor a predominância das correntes a-históricas e antidialéticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As reflexões ainda iniciais deste ensaio evidenciam que podemos ter um vasto e profundo diálogo com a obra de Lukács, que podem ser bem férteis e contribuir para as pesquisas em geografia, sobretudo no que concerne à dimensão do método.

As contribuições da obra lukácsiana vão além do debate do trabalho como categoria ontológica e em sua forma histórico-alienada para compreender a relação sociedade-natureza, sociedade-espço e produção do espaço geográfico. Essas contribuições em si já são fundamentais e merecem mais estudos, visando à superação de algumas interpretações mecanicistas e antidialéticas, assim como contribuir para os debates de uma geografia do trabalho para além do fetichismo da técnica.

Quando ampliamos o olhar e aprofundamos os estudos de Lukács sobre a perspectiva do método, percebemos que a dialética ocupa lugar central na obra desse autor conforme assinala Mészáros (2013). Crítico ferrenho das perspectivas estruturalistas, neopositivistas, existencialistas, fenomenológicas, Lukács (2012; 2013) traça com detalhes os limites dessas perspectivas teórico-metodológicas e demonstra suas influências no campo prático. Com rigor investigativo traz contribuições para a compreensão da perspectiva histórica em Marx e mesmo para debates acerca de uma ontologia materialista no mesmo. Essas contribuições são essências para avançar nos estudos geográficos que são fortemente influenciados por perspectivas antidialéticas e a-históricas.

Suas reflexões acerca de uma natureza materialista, ultrapassando as visões românticas que dão teleologias a essas, o debate sobre a natureza inorgânica, dos saltos ontológicos para a natureza orgânica e seu salto ontológico para o ser social pela mediação categorial do trabalho, elaborado por uma perspectiva que leva em consideração as múltiplas determinações do concreto real, mediados pela história e pelo movimento dialético e contraditório que são da realidade e não do pensamento, são



capazes de fornecer o entendimento numa perspectiva de totalidade das relações sociedade-natureza de forma integrada como complexos de complexos em interação que vão para além das leituras positivistas, assim como neopositivistas dos geosistemas e mesmo das chamadas “teorias da complexidade” que dão um caráter teleológico para a natureza. Essa visão fetichizada da natureza é superada em Lukács (2013) nas reflexões sobre as causalidades (dadas e postas), teleologias e casualidades. A natureza é comandada por causalidades dadas e mesmo por causalidades postas pelas relações sociais em seus atos teleológicos, e esses pores teleológicos tendem a fugir ao controle da intencionalidade inicial. As casualidades (acaso, contingências) para Lukács (1968; 2013) têm maior possibilidade de ocorrer quanto mais desenvolvida for uma sociedade em termos de forças produtivas e são importantes para o fazer científico para além das hipóteses positivistas, assim como para a compreensão da realidade social na sua práxis.

No que concerne às reflexões caras à geografia como o debate da escala, de embates entre uma geografia geral e regional, e interpretações geográficas extremamente abstratas e universais versus interpretações singularistas e empíricas ao extremo, a contribuição do debate da categoria da particularidade (Lima e Oliveira Filho, 2018) em seu movimento dialético universal-particular-singular é fundamental para a apreensão geográfica do concreto real, permitindo auxiliar tanto nos estudos das formações territoriais, no desenvolvimento geográfico desigual a dimensões imediatas do cotidiano. Conforme Lima e Oliveira Filho (2018):

Essa perspectiva analítica nos permite, por exemplo, de entender a espacialização das forças produtivas capitalistas no Brasil, assim como em algumas unidades federativas do mesmo articulando o que existe de universal no movimento do capital e o que existe de específico da formação socioeconômica brasileira. Permite-nos a leituras da expropriação do corpo no movimento amplo de espoliação do capital. Permite-nos a partir das leituras extraeconômicas como a política, a alienação, a ideologia e a violência, compreendermos que essas se afirmam e reafirmam como uma forma de reprodução social, que queiramos ou não, na atual perspectiva histórica de nossas existências é a reprodução ampliada da sociabilidade do capital (LIMA e OLIVEIRA FILHO, 2018, p. 10).

Por fim, a dialética categorial do trabalho, reprodução, ideologia e estranhamento-alienação, são fulcrais para o entendimento da produção do espaço e dos estudos no urbano, para estudos da geografia do trabalho e vários campos da geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente escrito ainda na forma de ensaio inicial reafirma a necessidade de uma ampla agenda de pesquisas para aprofundamento sobre a contribuição do sistema teórico-categorial de Lukács, assim como de Marx, para a compreensão geográfica. Afirmo que somente a contribuição da categoria trabalho, em si, já é fundamental para o entendimento das complexas relações sociedade-natureza e da reprodução social em suas múltiplas determinações, assim como possibilita a superação da geografia das estruturas que tem por base a técnica como fundamento fetichizado da ontologia espacial.

O trabalho como fundante do ser social em sua dialética teleologias e causalidades na relação sociedade-natureza é fundamental para a produção do espaço geográfico e nos proporciona a compreensão de outras categorias como os saltos ontológicos da natureza inorgânica para a orgânica e dessa para o ser social numa perspectiva histórica e dialética desse movimento, superando metodologias mecanicistas que apartam o ser social do ser da natureza e ignoram categorias fundamentais como a reprodução social, ideologia e a alienação como de importância fundamental nos complexos de complexos que estão contidos na sociabilidade do capital.

A crítica ontológica às correntes antidialéticas, a-históricas e que negam a totalidade em movimento também são de enorme importância para a apreensão geográfica que reproduzem essas mesmas em suas pesquisas em escala industrial ou seguindo o modismo da vez. Faz-se necessária a compreensão do concreto real em suas múltiplas determinações e isso só se consegue com eficácia a partir da compreensão da dialética materialista da totalidade em movimento. Nesse sentido, a dialética universal-particular-singular se torna essencial para a compreensão do real para além dos artifícios gnosiológicos e ou mesmo dos cortes subjetivistas da realidade que negam o todo e manipulam a realidade a partir de modelos apriorísticos encaixando a realidade numa camisa de forças.

Talvez seja o momento da(o)s geógrafa(o)s de fato inserirem problemas ontológicos fundamentais como a compreensão da crise estrutural do capital como elemento essencial de seus estudos para entendimento da crise ambiental, urbana, para a produção do espaço, reprodução social, ensino de geografia etc. Para tais questões o sistema categorial de Marx, Lukács e Mészáros são essenciais e emergem como necessidades urgentes para a compreensão geográfica.



REFERÊNCIAS

CHASIN, José. **Método dialético**. Arquivo marxista na internet. Seção em português. s/d. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/chasin/ano/mes/metodo.htm>. Acesso em 20/12/2019.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LIMA, Átila de Menezes. A criação da pós-verdade e de processos de manipulação das massas como expressão de cortes epistemológicos da realidade e da miséria da razão. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 12, n. 3, p. 363-374, out. 2020.

_____. Geografia, Filosofia das técnicas? Reflexões para se pensar uma geografia do trabalho. **Revista Pegada** – vol.15, n-2, P. 19-48, 2015.

LIMA, Átila de Menezes; OLIVEIRA FILHO, João César Abreu de. Reflexões teórico-metodológicas: a escala dialética universal-particular-singular no contexto da produção do conhecimento geográfico. **In: A produção do conhecimento geográfico 3./Organizadora Ingrid Aparecida Gomes.** – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

LUKÁCS, GYORGY. **Conversando com Lukács**. Org: Leo Kofler; Wolfgang Abendroth; Hans Heinz Holz. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1969.

_____. **Introdução a uma estética Marxista**: sobre a categoria da particularidade. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro, 1978.

_____. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Grundrisse**: Manuscritos econômicos de 1857-1858 – esboços da crítica da economia política. São Paulo, Boitempo; Rio de Janeiro: Ed: UFRJ, 2011.

MÉSZÁROS, István. **O conceito de dialética em Lukács**. 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2013.

NETTO, José Paulo. O “Moses Hess...” de Lukács. **In: György Lukács e a emancipação humana**. Organização Marcos Del Roio. 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2013.

NICOLAS, Tertulian. A ontologia em Heidegger e em Lukács: fenomenologia e dialética. **In: György Lukács e a emancipação humana**. Organização Marcos Del Roio. 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2013.

VEDDA, Miguel. Apresentação. **In: Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento/György Lukács**. Trad. Rubens Enderle. – São Paulo: Boitempo, 2012.